

## **NOVA RURALIDADE? CONTRIBUIÇÕES PARA A COMPREENSÃO DO ESPAÇO RURAL NO MUNICÍPIO DE INDIANA/SP<sup>1</sup>.**

**Regiane Aparecida Menegati – UNESP/Presidente Prudente**  
[remenegati@yahoo.com.br](mailto:remenegati@yahoo.com.br)<sup>2</sup>

**Rosangela Ap. Medeiros Hespanhol – UNESP/ Presidente Prudente**  
[rosangel@prudente.unesp.br](mailto:rosangel@prudente.unesp.br)<sup>3</sup>

### **Introdução**

Nas últimas décadas ocorreram significativas alterações no conteúdo social dos espaços. Processos mais gerais, como as mudanças na economia tanto na escala global quanto na escala nacional, como no caso do Brasil se refletem no espaço rural. Essas transformações apontam para um novo olhar sobre o meio rural, para a emergência de uma nova ruralidade que aparece como portadora de “soluções”, com perspectivas para o problema do desemprego, para a melhoria da qualidade de vida e de contatos mais intensos com a natureza (WANDERDEY, 2001).

Nesse contexto, busca-se no presente trabalho que vem sendo desenvolvido, destacar as mudanças no espaço rural do Município de Indiana/ SP, que localiza-se no sudoeste do Estado de São Paulo, no período entre 1970 e o início dos anos 2000, e verificar se baseado em tais transformações pode-se falar em uma nova ruralidade ou então, de uma mesma dinâmica rural revestida de velhos e novos elementos.

Para tanto, dentre as atividades que vêm sendo realizadas para alcançar os objetivos propostos, destacam-se: a) levantamento bibliográfico referente às temáticas do espaço rural e da pluriatividade no Brasil e no Município de Indiana; b) coleta e sistematização e análise de dados de fonte secundária referente ao espaço rural de Indiana.

O espaço rural apresenta-se com novas características, que merecem ser desvendadas no intuito de se buscar a reflexão sobre o rural, suas permanências e mudanças. Recentemente, o espaço rural vem passando por transformações em seu conteúdo social, marcado pela construção e reconstrução dessa realidade. Portanto mostra-se bastante relevante entender qual é o significado da ruralidade.

### **Espaço Rural em questão**

Segundo Brunet et al (1992) *apud* Teixeira et al (1997) o rural qualifica tudo que pertence ao campo englobando o que é agrícola e não-agrícola: população, hábitat, espaço.

O espaço rural também é contemplado nos estudos de Marques (2002), no qual:

O espaço rural corresponde a um meio específico, de características mais naturais do que o urbano, que é produzido a partir de uma multiplicidade de

---

<sup>1</sup> Este texto é resultado de reflexões, que vem sendo desenvolvidas na pesquisa de Mestrado: Produção Familiar e Pluriatividade no Espaço Rural do Município de Indiana-SP, com o apoio financeiro da FAPESP (Fundo de amparo à pesquisa do Estado de São Paulo).

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Geografia da FCT/UNESP – Presidente Prudente.

<sup>3</sup> Docente dos Cursos de Graduação e Pós-graduação da FCT/UNESP – Presidente Prudente.

usos nos quais a terra ou o “espaço natural” aparece como um fator primordial, o que tem resultado muitas vezes na criação e recriação de formas sociais de forte inscrição local, ou seja, de territorialidade intensa (MARQUES, 2002, p.109).

Nesse sentido, o espaço rural não significa apenas uma localização referente ao campo, mas uma forma de organização social com atividades e modo de vida específico.

Wanderley (2001) entende o rural como

Um modo particular de utilização do espaço e de vida social. (...) entendido ao mesmo tempo, como espaço físico (referência à ocupação do território e aos seus símbolos), lugar onde se vive (particularidades do modo de vida e referência identitária) e lugar de onde se vê e se vive o mundo (a cidadania do homem rural e sua inserção nas esferas mais amplas da sociedade) (WANDERLEY, 2001, p.01).

A ruralidade seriam as características de tudo aquilo que se relaciona à vida rural, as condições materiais e morais da existência das populações rurais. Nesse sentido (...) a ruralidade não é uma realidade “empiricamente observável”, mas uma “representação social”, definida culturalmente por atores sociais (CARNEIRO, 1997, p.162).

Para Abramovay (2000, p.07)

Ruralidade é um conceito de natureza territorial e não setorial e o mesmo se aplica à noção de urbano. As cidades não são definidas pela indústria nem o campo pela agricultura (...) Ainda que em muitos casos a agricultura ofereça o essencial das oportunidades de emprego e geração de renda em áreas rurais, é preferível não defini-las por seu caráter agrícola. Há evidências de que os domicílios rurais (agrícolas e não-agrícolas) engajam-se em atividades econômicas múltiplas, mesmo nas regiões menos desenvolvidas. Além disso, conforme as economias rurais se desenvolvem, tendem a ser cada vez menos dominadas pela agricultura.

O referido autor ressalta nesse artigo alguns aspectos básicos que convergem na literatura internacional sobre as características principais do espaço rural: relação com a natureza; relativa dispersão populacional; e, relação com as cidades (Abramovay, 2000).

Apesar dos traços em comum apresentados pela ruralidade é necessário ressaltar que o espaço rural e, em particular o rural brasileiro, é marcado pela sua grande diversidade de situações, interesses e de atores sociais.

Dessa forma, deve-se repensar a realidade rural, seus modos de vida e sua composição. Será que as novidades verificadas no espaço rural (turismo rural, pluriatividade, etc.) são mais significantes no campo brasileiro que as permanências e as velhas estruturas (concentração fundiária, pobreza rural, etc.)?

### **Nova ruralidade? O que há de novo?**

Durante muito tempo houve um consenso em considerar que o mundo rural constituía um espaço em crise e em processo de transformação. Essa crise refletia a perda de importância desse espaço no conjunto da economia. No caso brasileiro isso ocorreu quando se iniciou a passagem de uma economia e sociedade de base agrária para uma organização predominantemente urbana e industrial, após a crise de 1929.

No entanto, paradoxalmente, no caso europeu a partir da década de 1950 e no Brasil a partir do final dos anos de 1980, vem se evidenciando uma tendência inversa entre a importância relativa da economia rural e a importância cultural outorgada a ruralidade e seu espaço.

Desde o início da década de 1990 na literatura brasileira, a perspectiva de análise dos espaços rurais vem mudando de forma substancial, como a publicação de trabalhos que trazem importantes contribuições para o debate teórico. Assim, assiste-se a um revigoramento das discussões sobre o significado rural do Brasil. Por referir-se basicamente aos destinos da população que vive em áreas rurais, o debate passou a ser conhecido pelo termo ruralidade.

A perspectiva da emergência de uma nova ruralidade esta em curso no debate nacional e internacional. O debate sobre o tema trouxe novas questões e interpretações sobre o rural. Muitas designações surgiram buscando melhor explicar esse complexo espaço.

No Brasil, destacam-se alguns espaços rurais, em especial de estados do Sul e do Sudeste, que estão passando por transformações, perdendo o caráter de espaços tradicionais, homogêneos e de uma só função (produção agropecuária) e se convertendo em espaços heterogêneos e multifuncionais, que podem ser enfocados a partir de diversas ópticas.

A ruralidade seria então caracterizada pelo rural se destacando como um espaço multifuncional, que apresenta uma diversificação das atividades realizadas, tais como: de serviços, agroindustrialização, produção para nichos de mercado, condomínios, pesque pagues, chácaras de recreio, indústrias, aumento das atividades não-agrícolas, pluriatividade da produção familiar. Dentre as transformações verificadas, temos a tendência de atração de parte da população urbana pelos espaços rurais em todas as sociedades mais desenvolvidas. Existe também há tendência para a convergência entre os modos de vida, valores, padrão de consumo entre o rural e o urbano.

Esse panorama converge com estudos que apontam para limitações do modelo de urbanização – que antes eram considerados inexoráveis – com a revalorização do espaço rural, que aparece associado com boa qualidade de vida e preservação ambiental (ALENTEJANO, 2003).

Essas novas características têm levado à intensificação dos estudos e pesquisas sobre a temática: esses novos processos que se configuram no espaço rural, marcam a presença de uma nova ruralidade ou representam o desaparecimento do rural? É nesse caminho, que muitas expressões vêm sendo criadas pelos pesquisadores, na busca de encontrar uma denominação que melhor explique a realidade rural atual, tais como: a nova ruralidade, as urbanidades no rural, o novo rural, a urbanização do rural e, até, o fim do rural.

O desaparecimento de algumas diferenças espaciais e sociais entre campo e cidade reflete mudanças que vem ocorrendo, que levam para o fim da tradicional dicotomia entre rural e urbano,

marcadas pelo isolamento e oposição, mas não para o fim de uma dessas realidades, no caso, do espaço rural.

Sobre o fatalismo existente para o meio rural, Abramovay (2000) conclui que:

A ruralidade não é uma etapa do desenvolvimento social a ser superada com o avanço do progresso e da urbanização. Ela é e será cada vez mais um valor para as sociedades contemporâneas. (...) A importância entre nós da agricultura não deve impedir uma definição territorial do desenvolvimento e do meio rural. Esta definição não é útil apenas para as áreas mais desenvolvidas do país, ela pode revelar dimensões inéditas das relações cidade-campo e sobretudo mostrar dinâmicas regionais em que as pequenas aglomerações urbanas dependem de seu entorno disperso para estabelecer contatos com a economia nacional e global, seja por meio da agricultura, seja por outras atividades (ABRAMOVAY, 2000, p.28).

Reforça-se a necessidade de negar a idéia de que o campo será sepultado com o avanço da urbanização, sendo preciso “(...) mostrar que apesar das inegáveis transformações sociais, econômicas, culturais e espaciais resultantes do desenvolvimento do urbano, o rural não deixou nem deixará de existir, apenas teve e está tendo seu significado alterado” (ALENTEJANO, 1997, p.41).

É necessário repensar o rural como um espaço que contemple o agrário e o agrícola, e não que seja apenas sinônimo dessas atividades. No entanto, não se pode esquecer em nome dessa nova ruralidade, que a agricultura é muito importante para a população rural brasileira, tendo um papel importante como atividade econômica na obtenção de renda, apesar da fragilidade econômica vivida por grande parte dos agricultores que se dedicam exclusivamente à atividade agrícola. Nesse sentido, a agricultura deve representar um dos elementos definidores da ruralidade.

Para Alentejano (2003) é necessário discutir qual é o significado dessa ruralidade, ou seja, qual ruralidade se quer para o Brasil? Já que, segundo o autor, não existe acordo sobre o significado dessa revalorização:

(...) Para uns, esta deve necessariamente implicar a revisão completa e absoluta do modelo de desenvolvimento agropecuário historicamente dominante no país (...) Para outros, trata-se, ao contrário, de mais uma possibilidade de aproveitamento das potencialidades deste modelo, ou seja, teríamos uma espécie de “revalorização conservadora do rural” à semelhança da modernização conservadora da agricultura brasileira dos anos 1960/1970 (ALENTEJANO, 2003, p.26).

Nesse sentido, o referido autor acrescenta ao debate questões bastante pertinentes. Sobre a existência ou não de uma nova ruralidade, pois os principais aspectos que confirmariam essa ruralidade aparecem no território de maneira concentrada apenas em pontos, excluindo a maior parte do espaço rural - como o Município de Indiana – em que essas novas características praticamente são inexistentes.

Uma discussão pertinente sobre a ruralidade é realizada por Carneiro (1997), ressaltando a diversidade de situações encontradas no campo.

(...) o "campo" não está passando por um processo único de transformação em toda a sua extensão. Se as medidas modernizadoras sobre a agricultura foram moldadas no padrão de produção (e de vida) urbano-industrial, seus efeitos sobre a população local e a maneira como esta reage a tais injunções não são, de modo algum, uniformes, assim como tais medidas não atingem com a mesma intensidade e proporções as diferentes categorias de produtores. Nesse sentido não se pode falar de ruralidade em geral; ela se expressa de formas diferentes em universos culturais, sociais e econômicos heterogêneos (CARNEIRO, 1997, p.153).

Como falar em nova ruralidade se a estrutura fundiária permanece concentrada e o latifúndio ainda é predominante? Dessa forma, as novas atividades que vêm sendo realizadas no espaço rural, tais como, os serviços, o turismo rural, etc. devem ser para se repensar o rural no Brasil. E, mais que isso, para o debate principal: que ruralidade queremos construir?

### **O rural no Município de Indiana.**

No Brasil, uma parcela importante da população rural vive em pequenos municípios. A dependência do mundo rural, com a relevância econômica da agricultura para esses municípios mostram-se como questões importantes, apesar da pequena dimensão desses no cenário nacional (WANDERLEY, 2001).

No caso do espaço rural do Município de Indiana, as transformações são bem mais modestas, se comparadas aos países de capitalismo avançado e de algumas regiões mais prósperas do Brasil, que se encontram próximas aos grandes centros urbanos.

O Município de Indiana localiza-se do sudoeste do Estado de São Paulo, fazendo parte da Microrregião Geográfica de Presidente Prudente. O Município tem uma área total de 133Km., sendo que, desta 120 Km são áreas rurais. Os municípios limítrofes são: a leste Martinópolis, a oeste e a sul Regente Feijó e ao norte Caiabu. A região, na qual o Município está inserido tem na pecuária o suporte de sua economia, sendo caracterizada por grandes propriedades apresentando as pastagens como paisagem aparentemente predominante.

A Microrregião Geográfica de Presidente Prudente apresentou desde o início de sua ocupação, uma estrutura fundiária que, grosso modo, reproduziu as características da estrutura fundiária brasileira: de um lado, um número reduzido de grandes propriedades fundiárias ocupando vastas extensões territoriais e, de outro, uma diversificada de unidades produtivas, organizadas com base no trabalho familiar, ocupando inversamente, pequena extensão territorial (HESPANHOL, 2000).

Esse município tem como base de sua economia a atividade agropecuária, realizada principalmente em pequenas e médias propriedades. A base agrícola do Município é o cultivo das lavouras de café, feijão, milho, melancia, hortifrutigranjeiros e pastagem (carne e leite), sendo que no setor pecuário

predomina a pecuária de corte. A participação percentual na receita global do município do setor agropecuário é de aproximadamente 25%.

As atividades econômicas do município não conseguem oferecer opções de emprego a toda a população de Indiana, que busca melhores condições de emprego em outras cidades da região, principalmente em Presidente Prudente. Este fato comprova-se todos os dias de manhã, quando pode-se observar a grande quantidade de pessoas do município que dirigem-se para Presidente Prudente para trabalhar ou à procura de emprego.

Os pequenos e médios municípios que tem sua base social e econômica entorno da agricultura, enfrentam uma crise, que faz parte da crise do modelo de desenvolvimento brasileiro. Nesse sentido, cada vez mais, a renda originada da atividade agrícola é insuficiente para promover a sobrevivência dos pequenos produtores rurais, que tendem a serem pluriativos, ou seja, buscam a realização de um conjunto de atividades para a complementação da renda, levando a sua reprodução social.

Dentre as principais mudanças verificadas no Município de Indiana destaca-se a pluriatividade, verificada pelo aumento das atividades não-agrícolas realizadas pelos membros das famílias rurais. Das unidades produtivas abordadas em pesquisa de campo em 2003, observou-se que 70% apresentam algum membro da família que exerce atividades fora da propriedade, sendo que merece destaque, as atividades urbanas ligadas principalmente ao comércio e à prestação de serviços na cidade de Presidente Prudente, distante 16 km de Indiana.

Nesse sentido, a realização dessas atividades traz implicações no modo de vida dessa população rural que trabalha nas cidades, com a incorporação de certos valores urbanos, principalmente ligados ao consumo. Para Brandenburg (1999, p.111) o “modo de vida” é entendido como sendo a “expressão de um ser cultural” e das condições de vida material.

Porém, a reprodução do mundo rural, enquanto reprodução simbólica, não é imutável aos valores da civilização urbana, mostrando-se muito relevante o estudo das permanências e alterações no modo de vida rural frente à expansão dos valores urbanos.

Uma conclusão interessante sobre as atividades não agrícolas no meio rural brasileiro, é realizada por Ferreira (2002), ao constatar que:

A nova paisagem e os processos produzidos pela integração de atividades não agrícolas nos estabelecimentos rurais e pela pluriatividade dos agricultores e seus familiares, o aumento de uma população rural não agrícola e de aposentados que moram no campo, trazem um fenômeno de diversificação no meio rural. No entanto, não se pode pensar o rural brasileiro nos termos em que é pensado nos países de capitalismo avançado: nossa realidade não dá suporte para uma representação do rural como predominantemente não agrícola. (FERREIRA, 2002, p.36/37).

Cabe ressaltar que, apesar de verificarmos transformações no espaço rural do Município de Indiana, com destaque para a pluriatividade das famílias rurais, que aparece como alternativa de elevação da renda familiar, verifica-se que a busca dessas atividades se dá pela insuficiência da renda gerada pela atividade agropecuária.

Deve-se repensar qual é o resultado da pluriatividade para o rural. No Município de Indiana, como na maioria dos pequenos municípios brasileiros, existem mudanças significativas no espaço rural para que possamos afirmar que existe uma nova ruralidade? Ou essas novas características são processos que se engendram apenas em algumas áreas do território, principalmente, próximo aos grandes centros urbanos ou em áreas privilegiadas para o turismo?

Esse texto é uma tentativa de reflexão sobre algumas inquietações que merecem ser debatidas para um melhor entendimento da complexa realidade rural, que dia a dia é construída e reconstruída pelos atores que vivem e produzem esse espaço.

### **Considerações para reflexão**

A fase mais recente da globalização parece estar indicando que a ruralidade terá diversos destinos. Os reflexos se dão pela inserção de alguns espaços que se modernizam e globalizam, mas também pela exclusão e marginalidade de grande parte do território, aparecendo lugares de tempo lento, que não se modernizam e estão de fora, portanto, da ordem global (SILVA, 1998). No caso brasileiro, essas mudanças não têm a mesma velocidade e abrangência verificadas nos países de capitalismo central.

As transformações verificadas no mundo rural de maneira mais ampla e completa nos países ricos e, em curso no espaço rural brasileiro, com a população rural buscando paridade sócio-econômica em relação à população urbana, não ocorrem de maneira homogênea, inclusive nos países de capitalismo central.

Uma grande parcela da população rural mundial vive em áreas fragilizadas dos territórios, sendo caracterizada pela sua inferioridade sócio econômica. Uma situação de pobreza que é consequência da distribuição desigual de riqueza da sociedade (WANDERLEY, 2001).

Nesse contexto, como qualificar como nova a ruralidade, sem uma reestruturação da estrutura agrária, envolvendo a questão fundiária e as relações de poder? O que se observa que a “marca” fundamental dessa nova realidade (o turismo rural e a produção agroecológica) vem sendo cada vez mais apropriada pelo capital, que se utiliza dessas potencialidades para avançar sobre esse espaço. (ALENTEJANO, 2003).

Nesse cenário, que nova ruralidade é essa? No Município de Indiana nota-se as dificuldades enfrentadas pelos pequenos produtores para continuar vivendo no campo e sua busca por diversas alternativas de reprodução social. Assim, afirmarmos a existência de uma nova ruralidade em curso na realidade brasileira mostra-se como algo bastante incipiente, principalmente se baseado em novas características presentes apenas em alguns espaços do complexo e heterogêneo meio rural.

### **Referências Bibliográficas**

ABRAMOVAY, R. Do setor ao território: funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo. In: **Iter-relações entre as transformações demográficas e agenda social**. São Paulo, Rio de Janeiro: FEA PROCAM/USP, 2000.

ALENTEJANO, P. R. Rural e urbano: um corte válido e útil? In: **Reforma agrária e pluriatividade no Rio de Janeiro: repensando a dicotomia rural-urbana nos assentamentos rurais**. 1997. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Sociedade e Agricultura). UFRRJ, Rio de Janeiro, 1997.

\_\_\_\_\_. As relações campo-cidade no Brasil do século XXI. In: **Terra Livre**. Movimentos sociais: multiplicidade teórica e metodológica. São Paulo: ano 19, v. 2, n. 21, p. 25-39. Julho/Dez, 2003.

BLUME, R. **Território e Ruralidade: a desmistificação do fim do rural**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de pós- graduação em desenvolvimento rural. PGDR. UFRGS, 2004.

BRANDENBURG, A. **ONGs e desenvolvimento sustentável**. Curitiba: Ed. da UFPR, 1999.

CARNEIRO, M. J. Ruralidade: novas identidades em construção. In: **Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural**, 35, 1997, Brasília. Anais..., p.147-185.

FERREIRA, A.D.D. Processos e sentidos sociais do rural na contemporaneidade: indagações sobre algumas especificidades brasileiras. In: **Estudos Sociedade e Agricultura**, n.18, Rio de Janeiro: CPDA/UFRJ, abril, 2002.

HESPANHOL, Rosângela Ap. de M. **Produção Familiar: Perspectivas de análise e inserção na Microrregião Geográfica de Presidente Prudente – SP**. Rio Claro, 2000. 254p. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas/ UNESP, campus de Rio Claro.

MARQUES, M. I. M. O conceito de espaço rural em questão. **Terra Livre. Geografia, Movimentos Sociais e teoria**. São Paulo: ano 18, n.19, p.95-112. Julho/Dez. 2002.

SILVA, A. F. da. **A Relação Cidade – Campo: como analisá-la?** Natal: Imagem Gráfica e Editora, 1998.

TEIXEIRA, M.A. LAGES, U.N. Transformações no espaço rural e a Geografia rural: idéias para discussão. **Revista de Geografia**. Universidade Estadual Paulista/UNESP. São Paulo, Ed. Da UNESP, v.14, 1997.

WANDERLEY, M. de N. B. **A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas: O rural como espaço singular e ator coletivo**. Inédito: Recife, 2001.